

Neofalantes digitais

Paulo Padín
Universitat Oberta de Catalunya (UOC)
ppadin@uoc.edu

Resumo

O objetivo desta investigação é descobrir se as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) oferecem às pessoas *neofalantes* de galego um cenário propício para se apresentarem como falantes dessa língua e para experimentarem linguística e identitariamente como falantes de galego. Por *neofalante* entendemos uma pessoa que teve o castelhano como primeira língua e que adquiriu essa língua no meio familiar mas que posteriormente na socialização secundária aprendeu galego. Da análise das entrevistas em profundidade realizadas podemos concluir que as pessoas entrevistadas têm uma “identidade digital” mais galegofalante que a sua “identidade *offline*” e que para as pessoas que mudaram recentemente do castelhano para o galego ou que se decidiram recentemente a introduzir o galego em mais âmbitos da sua vida, a Internet tem jogado um rol importante. Ao mesmo tempo, os nossos dados parecem indicar a emergência de um novo tipo de *neofalante*, o “neofalante digital”, uma pessoa que só usa a língua galega nas suas comunicações *online*. Para além do caso galego, os resultados desta pesquisa poderiam ser suscetíveis de se estenderem para outras línguas minorizadas onde também se tem quebrado a transmissão familiar da língua e onde as pessoas *neofalantes* surgiram como um grupo social.

Palabras clave: galego, neofalante, Internet, línguas minorizadas

1. Introdução

O objetivo desta investigação é descobrir se as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) oferecem às pessoas *neofalantes* de galego um cenário propício para se apresentarem como falantes dessa língua e para experimentarem linguística e identitariamente como falantes de galego. Com esse propósito estudamos as ideias e práticas linguísticas de um grupo de *neofalantes* de galego que participam em uma comunidade virtual de adeptos do Celta de Vigo, principal clube de futebol da cidade galega mais populosa. Mais especificamente, queremos conhecer se nalguns casos existe uma prática online e offline linguisticamente assimétrica, quer dizer, se estaríamos perante falantes monolíngues em castelhano ou que empregam maiormente essa língua na comunicação cara a cara mas que utilizam o ciberespaço como lugar para praticarem, aprenderem, experimentarem ou se apresentarem socialmente como galegofalantes.

Os termos *neofalante* e *paleofalante* (Frías 2006) aparecem neste trabalho como equivalentes de “new speaker” e “native speaker” respetivamente. *Neofalante* designa uma pessoa que aprendeu uma língua (Frías 2006) que não foi portanto adquirida na socialização primária no seio da família (Pujolar e Puigdevall 2015) como língua ou línguas iniciais. Fizemos aqui um uso extensivo do termo *neofalante* para incluirmos nele também as pessoas que não tendo a língua galega como língua de uso habitual, no entanto, usam o galego regularmente ou nalguns âmbitos concretos da sua vida. Isto permite abranger diferentes tipos de *neofalantes* quanto às competências e usos linguísticos, desde pessoas com recursos e usos linguísticos limitados a pessoas *neofalantes* monolíngues em galego e/ou com um domínio da língua aprendida que podem ser vistas como *paleofalantes*. Dito isto, neste trabalho consideraremos as categorias *neofalante* e *paleofalante* unicamente como categorias operativas porque achamos que estes termos são constructos abstratos e não conceitos descritivos (Puigdevall 2014). Trata-se, na nossa opinião, de categorias abertas, socialmente constituídas e, portanto, sujeitas a negociações em função de contextos sociais determinados. São, portanto, etiquetas ou rótulos que podem ser aceites ou não pelas próprias pessoas falantes.

A figura da pessoa *neofalante* está no caso das línguas minorizadas associada à emergência das políticas de planificação linguística que para o caso galego surgiram após a morte do ditador Francisco Franco na década dos anos 80 do século passado visando a promoção da língua própria da Galiza (Frías 2006) (O'Rourke e Ramallo 2013b). Deste modo, o galego, anteriormente banido da esfera pública, introduziu-se em espaços tais como a educação ou a administração pública galega. Porém, a subsequente mas tímida política linguística implementada e desenvolvida quase ininterrompidamente por governos galegos dirigidos pelo principal partido conservador espanhol (O'Rourke e Ramallo 2015) não serviu para frear a perda constante de falantes de galego. Nos últimos 50 anos, a sociedade galega deixou de ser eminentemente rural e agrária para se tornar urbana e terceirizada em um processo de transformação social similar ao acontecido noutros lugares (O'Rourke e Ramallo 2011) (O'Rourke e Ramallo 2013b) (Monteagudo, Loredó e Vázquez 2017). Assim, a deslocação de uma parte importante de população galegofalante do campo para cidades essencialmente hispanófonas unida à persistente percepção do castelhano como língua da mobilidade social ascendente (O'Rourke e Ramallo 2015) (Monteagudo, Loredó e Vázquez 2017) levou consigo a rutura da transmissão da língua galega no meio familiar. Na atualidade, para a população galega mais nova é a escola e não a família o principal meio de aprendizagem da língua galega. Em consequência, cada vez mais, a língua galega aparece como uma língua sociologicamente “ruralizada”, “envelhecida” e associada com as camadas socioculturais mais baixas (González, Manuel et al. 2007) (IGE 2013) (O'Rourke e Ramallo 2013a) (O'Rourke e Ramallo 2015) (Monteagudo, Loredó e Vázquez 2017). Os estudos sociolinguísticos apontam também que nos últimos anos podemos encontrar uma pequena percentagem de pessoas que tendo o castelhano como primeira língua incorporam cada vez mais o galego no seu repertório e mesmo podemos achar pessoas que abandonam a língua castelhana para virarem monolíngues em galego (O'Rourke e Ramallo 2015) (Monteagudo, Loredó e Vázquez 2017). Estas pessoas *neofalantes*, ao igual do que acontece no caso doutras línguas minorizadas, respondem a outro perfil sociológico (O'Rourke e Pujolar 2013) diferente dos e das “falantes tradicionais” mas, no caso galego, devemos assinalar que o seu número é comparativamente baixo em relação a outros territórios do Reino da Espanha (O'Rourke e Ramallo 2015) (Monteagudo, Loredó e Vázquez, 2017). Trata-se de uma pessoa jovem, de âmbito urbano, de classe média e que fala uma variante da língua estandardizada (O'Rourke e Ramallo 2013a) e oposta, socioeconómica e educativamente, às pessoas *paleofalantes* idosas e de origem rural (O'Rourke e Ramallo 2013b).

2. Metodologia

Os resultados obtidos nesta investigação são baseados em dezassete entrevistas em profundidade ou semiestruturadas. As pessoas entrevistadas eram membros do fórum Delcelta (<http://foro.delcelta.com/>), uma comunidade virtual de adeptos de uma equipa galega de futebol: o Celta de Vigo. Doze das pessoas entrevistadas eram *neofalantes* e cinco *paleofalantes*. O carácter relativo da categoria *neofalante* fez que afinal algumas pessoas *paleofalantes* fossem aceites contribuindo para fazer a análise mais rica e complexa. Em determinados casos, o exercício de negociar se os participantes eram ou não *neofalantes* revelou-se com uma tarefa analiticamente pertinente *per se*.

A seleção das pessoas informantes veio precedida de uma observação participante realizada em dois momentos temporais diferentes. A primeira observação participante desenvolveu-se entre 10 de novembro de 2014 e 13 de janeiro de 2015. A segunda transcorreu entre 12 de outubro de 2015 e 10 de janeiro de 2016. A observação participante proporcionou-nos importante informação sobre o funcionamento do fórum e sobre muitas das pessoas participantes nele. Deste modo, sessenta e quatro petições personalizadas de entrevistas foram enviadas

escalonada e preferentemente a pessoas que respondiam a perfis sociolinguísticos diferenciados, que escreviam sempre ou às vezes em galego e que achávamos podiam ser *neofalantes* em base a alguma característica definitiva da sua escrita.

Como já se disse, as pessoas informantes foram escolhidas com base no seu interesse para a investigação selecionando perfis diferentes para favorecer o contraste entre elas. Assim, procuramos entrevistar homens e mulheres de diferentes idades, origens e níveis educativos. Apesar disto não conseguimos entrevistar nenhuma das poucas mulheres que participam em *Delcelta*. A idade das pessoas entrevistadas varia dos 19 anos da mais jovem até aos 44 anos da mais velha. Quanto à origem e ao lugar de residência, seis das pessoas entrevistadas moram em Vigo e outras cinco são de origem rural ou semiurbano e moram em áreas rurais ou semiurbanas. Três das pessoas entrevistadas vivem em Santiago de Compostela (sendo duas delas originárias de Vigo) e outras três moram fora da Galiza sendo também duas delas originárias de Vigo. Todas as pessoas entrevistadas acabaram o ensino secundário e treze delas têm estudos universitários.

As petições personalizadas de entrevista foram enviadas através da opção de mensagem privada do fórum. Como o fórum não tem *chat*, a nossa proposta foi realizar a entrevista usando o *chat*, escrito ou de vídeo, de uma conta de correio eletrónico, aplicação ou rede social. Finalmente, todas as entrevistas foram realizadas por *chat* escrito exceto uma que foi feita mediante o intercâmbio assíncronico de vários correios eletrónicos. Dado que foram feitas por meio de um *chat* escrito, as entrevistas foram mais curtas e sintéticas do que as tradicionais por via oral.

3. Resultados

3.1. *Contraste entre os usos linguísticos online e offline*

Em função da sua prática e usos linguísticos, podemos classificar as doze pessoas *neofalantes* entrevistadas em quatro grupos: monolíngues em galego, bilingues que têm o galego como língua habitual, bilingues que têm o castelhano como língua habitual e, finalmente, *neofalantes online*.

O grupo de pessoas monolíngues em galego está formado por quatro pessoas que falam sempre (ou praticamente quase sempre) em galego com independência do contexto em que se desenvolve a interação.

O segundo conjunto de pessoas quanto à conduta linguística está composto pelas pessoas bilingues que têm o galego como língua habitual. Trata-se de três pessoas que usam maiormente o galego mas que, às vezes, e por diferentes razões, também falam em castelhano.

O terceiro agrupamento que podemos fazer no que diz respeito aos usos idiomáticos das pessoas *neofalantes* entrevistadas é o das pessoas que têm o castelhano como língua habitual. Este grupo de pessoas está formado por quatro pessoas que sistematicamente se adaptam à língua da sua pessoa interlocutora. Isto é, apenas falam galego com pessoas galegofalantes.

Tomando em conjunto estes dois últimos grupos de pessoas bilingues *neofalantes*, podemos também distinguir dois blocos diferenciados: por um lado, as pessoas que são bilingues e que reproduzem essa mesma conduta bilingue *online* e *offline* e, por outro lado, as pessoas que são bilingues *offline* mas que são monolíngues *online*, sempre que puderem, como por exemplo, em *Delcelta*. É importante sublinharmos que a maioria das pessoas bilingues entrevistadas estão dentro deste segundo grupo. De facto, todas as pessoas bilingues exceto uma estão compreendidas nesta categoria.

Por último, está o caso do “Av” que podemos denominar *neofalante online*. O “Av” tem 28 anos e mora em Vigo. É a única pessoa que faz a entrevista em castelhano e nunca usa o galego *offline* com a exceção de com o pai da sua namorada com o qual intercambia, esporadicamente, frases curtas em galego. Porém, em *Delcelta* é bilingue. A língua galega está totalmente ausente da vida social *offline* do “Av” em Vigo e o fórum representa para ele um lugar no que praticar uma língua que não quer “perder”, como explica neste extrato de entrevista:

<Av>: *Sí. En mi vida cotidiana suelo utilizar casi únicamente el castellano. (...)*

Por pura costumbre. Así fui criado. Crecí en un entorno familiar donde solo se usaba el castellano, rodeado de amigos y compañeros que hablan castellano, en un colegio donde los profesores hablaban castellano por norma general (excepto un par de ellos)

No tengo un método de decisión sobre usar gallego o castellano en el foro. A veces cuando en medio de un debate hay usuarios que no son gallegos (hay varios), pues uso el castellano para que puedan entenderlo. Otras veces cuando veo que un debate está en gallego, pues escribo en gallego. No sé, es algo que sale solo

Ahora, por ejemplo, escribo en castellano porque estaba redactando un trabajo para la universidad en castellano, y ya tengo ese chip.

También puede ser porque el gallego al estar prácticamente en desuso en mi vida cotidiana, no quiero perderlo, y el foro es una manera de mantenerlo vivo

A comparação dos usos linguísticos assimétricos *online* e *offline* das pessoas bilingues e o caso do “Av” serão muito relevantes para o nosso estudo e destes diferentes padrões de uso idiomático na comunicação telemática e na comunicação cara a cara tiraremos importantes conclusões, como veremos mais para a frente.

3.2. Tendência à standardização na comunicação online escrita

Nos últimos mais de 30 anos, a presença do galego no ensino, a existência dalguns meios de comunicação em galego e a internet têm generalizado o conhecimento dos diferentes estândares ou padrões do galego. O galego que se ensina na escola é um galego standardizado e a este galego standardizado estão expostos e expostas *neofalantes* e *paleofalantes* nesse âmbito escolar. Este galego standardizado está valorizado socialmente nos usos formais tais como a escrita e na comunicação *online* escrita desaparece uma das características que identifica negativamente algumas pessoas *neofalantes*: a fonética castelhanizada atribuída comumente à maioria das pessoas *neofalantes* (Loureiro, Boggess, Goldsmith 2013). Na comunicação escrita também desaparecem características dialetais orais associadas com o galego falado pelas pessoas *paleofalantes*. Tudo isto faz com que o galego escrito de pessoas *neofalantes* e *paleofalantes* tenda a parecer-se.

As nossas pessoas informantes, com independência do facto de serem *neofalantes* ou *paleofalantes*, reconhecem que mesmo para aquelas pessoas que levam tempo participando nesta comunidade virtual é difícil saber muitas vezes quem é *neofalante* e quem é *paleofalante*. E ainda que existem traços de *neofalantismo* que também se podem evidenciar na escrita tais como a colocação do pronome átono, outra das características da comunicação *online* escrita é a possibilidade de autocorreção e de dispor de recursos e ferramentas como dicionários ou corretores linguísticos que possibilitam a standardização da expressão escrita. Deste modo, com pessoas motivadas linguisticamente e com um domínio da língua aceitável é difícil discriminar entre *neofalantes* e *paleofalantes*. As próprias pessoas *paleofalantes* entrevistadas corroboram que não se exprimem da mesma maneira na expressão escrita e na expressão oral e que na escrita tendem a standardização.

3.3. *Mudas linguísticas e a Internet*

Neste trabalho adotamos o conceito de “mudas linguísticas” (Pujolar, González e Martínez 2010) (Pujolar e Puigdevall 2015). Uma muda linguística não é uma simples troca de língua no meio de uma conversa. As mudas linguísticas são mudanças gerais nos padrões dos usos linguísticos dos e das falantes. Trata-se da mudança no uso social de uma língua, isto é, da mudança da escolha dos contextos onde se fala uma determinada língua ou da mudança das regras para decidir falar uma ou outra língua em âmbitos ou momentos concretos (Pujolar, González e Martínez 2010). Isto implica repararmos nas mudanças linguísticas que se produzem associadas com mudanças ligadas à idade e a acontecimentos importantes no ciclo vital das pessoas que muitas vezes comportam vários tipos de mudanças. Nestes momentos “críticos” as pessoas entram em contato com situações sociais novas. Entre as nossas pessoas entrevistadas identificamos seis momentos principais em que se produziram estas mudas linguísticas: a universidade, a escola secundária, a escola primária, o deslocamento de residência, o momento da paternidade/maternidade e o ciberespaço (considerado aqui como o momento em que as pessoas se registam no fórum *Delcelta*).

Coincidindo com outros trabalhos académicos (O'Rourke e Ramallo 2013b), entre as pessoas participantes na nossa investigação, os momentos de mudas linguísticas que apareceram com maior frequência entre as nossas pessoas informantes foram a escola secundária e a universidade. A escola secundária apareceu como um lugar de muda linguística para cinco das pessoas entrevistadas. O ensino médio é um lugar de encontro com diferentes e mais diversificados tipos de pessoas (Pujolar e Puigdevall 2015). Também é um período de mudanças de personalidade ligadas à adolescência e ao surgimento de identificações com determinadas ideias, modas, grupos, nas quais o facto de falar uma língua ou outra pode ser decisivo para decidir a pertença a um grupo determinado (Pujolar, González e Martínez 2010). Ao mesmo tempo, no caso das cidades galegas, para muitas pessoas o âmbito escolar representa o único lugar de contato com a língua galega. Muitas das nossas pessoas informantes referem ter começado a falar galego nas aulas com um professorado motivado e ao mesmo tempo considerado como um referente linguístico. Outro momento crítico importante de mudas linguísticas identificado na nossa pesquisa foi a universidade. Para muitas pessoas é na universidade onde o galego adquire o *status* de língua moderna e prestigiada. Na universidade, o galego está relativamente presente em alguns estudos universitários ainda que de maneira muito desigual. A universidade é um lugar onde se amplificam e diversificam ainda mais os contatos sociais e também implica, em numerosas ocasiões, um deslocamento de residência.

A presença do galego a nível familiar foi sempre referida pelas pessoas entrevistadas como uma facilidade para a aprendizagem dessa língua. Porém, no nosso estudo encontramos que as duas pessoas que viveram uma muda linguística na escola primária tinham todas já a língua galega presente no meio familiar. O deslocamento de residência também resultou um fator importante. Isto foi evidente no caso do “Xó”, *neofalante* monolíngue em galego de Vigo que passou quase toda a sua vida em Madrid. O “Xo” decidiu começar a falar unicamente galego ao voltar à Galiza. O momento da paternidade / maternidade também apareceu na nossa pesquisa. Assim, uma das pessoas *neofalantes* bilingues entrevistadas decidiu, após o nascimento do seu segundo filho, falar-lhe às vezes em galego para o ajudar nas tarefas escolares depois da tomada de consciência da pouca exposição linguística que o seu filho tem ao galego.

De especial importância para o propósito do nosso trabalho é o ciberespaço. O ciberespaço (considerado neste caso como o momento do registo no fórum *Delcelta*) emergiu como um importante “lugar” de muda linguística. No caso de uma das pessoas participantes como o momento de uma primeira muda linguística que continuou em sentido ascendente conduzindo a um uso da língua galega a cada vez maior. Noutros dous casos tratou-se de pessoas que

decidiram registar-se nessa comunidade virtual e escrever sempre em galego desde esse primeiro dia apesar de serem bilingues na sua vida *offline* apresentando-se nesse espaço virtual como falantes monolíngues em galego. O caso do anteriormente mencionado “Av” também resulta ilustrativo. Assim, a Internet revela-se como um “lugar” seguro, protegido, que permite experimentar linguística e identitariamente como veremos a seguir no próximo capítulo.

3.4. A Internet como lugar de ensaio linguístico e identitário

A análise das entrevistas às doze pessoas *neofalantes* sugere que estas pessoas usam notavelmente mais a língua galega *online* que *offline*. Quatro dessas pessoas são monolíngues em galego em todos os âmbitos da sua vida enquanto sete são bilingues *offline*. Destas sete pessoas bilingues *offline* seis são monolíngues em galego em *Delcelta* e a última pessoa que fica é praticamente monolíngue em castelhano *offline* mas é bilingue em *Delcelta*, quer dizer, que só usa o galego na Internet. Podemos concluir, então, que estas pessoas têm uma “identidade digital” mais galegofalante que a sua “identidade *offline*” e que para as pessoas que mudaram recentemente do castelhano para o galego ou que se decidiram recentemente a introduzir o galego em mais âmbitos da sua vida, a Internet e redes sociais como *Delcelta* têm jogado um rol importante. Achamos também que três das pessoas entrevistadas decidiram usar de preferência o galego em todas ou nalgumas áreas da sua vida depois de tê-lo praticado *online*.

Ou seja, na nossa investigação o ciberespaço emerge como um lugar de aprendizagem e experimentação linguística e teste de identidade. O caso do “Ge” ilustra claramente isto. O “Ge” é um *neofalante* bilingue que tem o galego como língua habitual mas que em *Delcelta* é monolíngue em galego. De facto, foi nesse fórum onde começou a usar a língua galega justo um ano antes que na sua vida *offline*, isto é, foi em *Delcelta* onde o “Ge” teve a sua primeira muda linguística. Eis um longo extrato da entrevista ao “Ge” que decidimos reproduzir porque exemplifica muito bem como uma sucessão de mudanças linguísticas podem começar no ciberespaço e ir expandindo gradualmente o uso do galego:

<Ge>: Agora que o dis teño que rectificar

Non me decatara diso porque me esquecera de delCelta

Pero ali comecei a usar o galego antes que en ningures

<Entrevistador>: en DelCelta es totalmente monolíngue en galego, verdade?

<Ge>: E iso foi un ano antes de comezar a falar galego a cotío

Si

Menos se lle poño un post a Aimar ou algo así

<Entrevistador>: ou sexa no 2014

<Ge>: Xusto

Bueno, concretamente me rexistrei o 28 de decembro de 2013

<Entrevistador>: e desde o comenzo xa emepzaches en galego?

<Ge>: Si, dende a primeira mensaxe

Estouno a mirar xusto agora para confirmar

Teñoa diante na pantalla do ordena...

<Entrevistador>: tiveches pois, digamos, unha identidade dixital mail galegofalante que a tua identidade "física", porén, actualmente hai diferenza entre o uso *offline* e *online* na tua vida?

digo linguisticamente

<Ge>: Si, xusto. Actualmente non, diria eu (...)

<Entrevistador>: Ok. No teu caso, para min, digo eu, Internet parece que xoga un papel moi importante na tua vida actual como galegofalante, non?

<Ge>: Mmmm pode que si

Supoño que a traves de delCelta.com comezou a miña andadura de galegofalante (...)

A interação escrita *online* faz com que as pessoas *neofalantes* não vejam questionada a sua legitimidade como falantes de galego. O ciberespaço aparece então como um lugar onde

peças *neofalantes* e *paleofalantes* que foram escolarizadas em galego se sentem em igualdade de condições. A comunicação *online* escrita também permite a prática do monolinguismo em galego porque reduz a possibilidade de incomunicação com pessoas hispanófonas. Como a maioria das pessoas têm conhecimento passivo do galego e a maioria das pessoas internautas são pessoas jovens que foram escolarizadas em galego, nomeadamente nas destrezas escritas do galego, a comunicação escrita reduz a possibilidade de incomunicação entre pessoas que falam galego e castelhano. A Internet aparece assim como um lugar mais “protegido” para aquelas pessoas que decidem adotar a “norma bilingue” (Pujolar 1993), quer dizer, continuar a conversa em galego embora a pessoa interlocutora seja hispanófona, minimizando a incomodidade que sentem as pessoas galegofalantes ao utilizarem a sua língua. As pessoas falantes de galego são bilingues e portanto são as que presuntivamente deviam acomodar-se à língua do interlocutor ou interlocutora hispano falante.

Um assunto importante no que diz respeito ao uso da língua galega na Internet é de que se dá também um uso induzido do galego nas redes sociais, isto é, o uso escrito do galego na Internet faz com que pessoas hispano falantes interajam em galego com pessoas que falam essa língua nomeadamente no caso das pessoas mais jovens que têm conhecimento ativo do galego escrito (Domínguez e Ramallo 2012). Isto faz com que quanto mais as pessoas usam o galego na comunicação *online*, mais há outras pessoas a interagirem com elas nessa língua.

Além de um espaço protegido e de experimentação, a Internet também é vista como uma grande ferramenta para a aprendizagem e prática do galego. Os espaços de sociabilidade *online* resultam úteis e valiosos para praticar e aprender a língua no caso de pessoas *neofalantes* e mesmo *paleofalantes* que moram fora da Galiza.

4. Conclusões

A principal conclusão que podemos tirar com os nossos dados é que a Internet emerge como um “lugar” de muda linguística e, em algum caso, como o momento de uma primeira muda linguística que inaugura uma série sucessiva de mudas linguísticas que vão progressivamente alargando o espaço que o galego ocupa na vida dessas pessoas *neofalantes*. A importância do ciberespaço como lugar de ensaio linguístico e identitário fica manifesta ao analisarmos o contraste entre os usos linguísticos *online* e *offline* das pessoas *neofalantes* bilingues entrevistadas. O facto de várias pessoas *neofalantes* bilingues *offline* se apresentarem como galegofalantes monolingués *online* desde o primeiro dia que se registam no fórum e a persistência em manterem essa “identidade digital” galegofalante monolingué pode apontar para outras futuras mudas linguísticas expansivas no uso social da língua galega.

A Internet aparece como um lugar de segurança onde estas pessoas *neofalantes* se sentem protegidas e legitimadas para usarem a língua galega. Os potenciais conflitos que possam surgir com pessoas *paleofalantes* ficam dissipados porque na comunicação escrita a tendência à estandardização de *neofalantes* e *paleofalantes* faz com que muitas vezes resulte complicado diferenciar entre um grupo ou outro. Quanto ao potencial conflito com pessoas hispanófonas, o facto de castelhano e galego serem línguas muito próximas e o conhecimento que a maioria das pessoas jovens têm do galego, nomeadamente da escrita, através da escola, reduz notavelmente a incomunicação e permite às pessoas *neofalantes* adotar uma posição monolingué sem temor a não serem compreendidas.

Além disso, várias das pessoas entrevistadas verbalizaram o seu desejo de falar mais assiduamente em galego mas não encontravam um espaço ou lugar quotidiano no qual fazê-lo. O ciberespaço aparece assim como esse “lugar”. Um “lugar” também de encontro com outras

peessoas que se exprimem em galego e também um recurso que fornece ferramentas linguísticas para a aprendizagem e prática da língua galega.

Ao mesmo tempo, os nossos dados parecem indicar a emergência de um novo tipo de *neofalante*, o “neofalante digital”, uma pessoa que só usa a língua galega nas suas comunicações *online*.

Quanto às limitações da investigação, a ausência de mulheres entre as pessoas informantes é uma importantíssima limitação. Também sublinhar a importância que sobre está questão possam ter futuros estudos diacrónicos.

Referências bibliográficas

- Domínguez, L. Á. e Ramallo, F. (2012). *Mocidade, línguas e redes sociais*. Xunta de Galicia.
- Frias Conde, X. (2006). “A normalización lingüística na Romania: a normalización da lingua e normalización dos falantes (o caso dos neofalantes)”. *Ianua: revista philologica romanica*, 6, 49-68.
- González González, Manuel et al. (2007). *Mapa Sociolingüístico de Galicia 2004*. A Corunha: Real Academia Galega / Seminario de Sociolingüística.
- IGE (2013). *Enquisa de Condicións de Vida das Familias*. Santiago de Compostela: Instituto Galego de Estatística (IGE). [Acessado em 25 de Setembro de 2015]. http://www.ige.eu/web/mostrar_actividade_estadistica.jsp?idioma=gl&codigo=0206004
- Loureiro Rodriguez, V., Boggess, M. M. e Goldsmith, A. (2013). “Language attitudes in Galicia: using the matched-guise test among high school students”. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 34(2), 136-153.
- Monteagudo, H., Loredó, X. e Vázquez, M. (2017). *Lingua e sociedade en Galicia. A evolución sociolingüística 1992-2013*. Real Academia Galega.
- O'Rourke, B. e Pujolar, J. (2015). “New speakers and processes of new speakerness across time and space”. *Applied Linguistics Review*, 6 (2), 145-150.
- O'Rourke, B., e Ramallo, F. (2011). “The native-non-native dichotomy in minority language contexts: Comparisons between Irish and Galician”. *Language problems & language planning*, 35(2), 139-159.
- O'Rourke, B. e Ramallo, F. (2013a). “‘A miña variedade é defectuosa’: a lexitimidade social das neofalas”. *Estudos de Lingüística Galega*, 5 (89-103).
- O'Rourke, B. e Ramallo, F. (2013b). “Competing ideologies of linguistic authority amongst new speakers in contemporary Galicia”. *Language in Society*, 42(03), 287-305.
- O'Rourke, B. e Ramallo, F. (2015). “Neofalantes as an active minority: Understanding language practices and motivations for change amongst new speakers of Galician”. *International Journal of the Sociology of Language*, 2015(231), 147-165.
- Puigdevall, M. (2014). “Els nous parlants de llengües minoritàries: pertinences i legitimitats”. *Digithum: revista digital d'humanitats*, (16), 3-5.
- Pujolar, J. (1993). “L'estudi de les normes d'ús des de l'Anàlisi Crítica del Discurs”. *Treballs de sociolingüística catalana*, 11, 61-78.
- Pujolar, J., González, I., e Martínez, R. (2010). “Les mudes lingüístiques dels joves Catalans”. *Llengua i ús: revista tècnica de política lingüística*, (48), 65-75.
- Pujolar, J. e Puigdevall, M. (2015). “Linguistic mudes: how to become a new speaker in Catalonia”. *International Journal of the Sociology of Language*, 2015(231), 167-187.